

NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE ENVELHECIMENTO E DESEMPENHO ESPORTIVO: A DERROTA NA COPA DO MUNDO DE 1986

MIDIATIC NARRATIVES OF AGING AND SPORTS PERFORMANCE: THE DEFEAT IN THE 1986 'S WORLD CUP

NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE ENVEJECIMIENTO Y DESEMPEÑO DEPORTIVO: LA DERROTA EN LA COPA DEL MUNDO DE 1986

Leonardo Turchi Pacheco¹

Resumo: Este artigo tem como proposta discutir as representações de envelhecimento nos esportes de alto rendimento através dos discursos construídos pelos meios de comunicação para avaliar o desempenho dos jogadores brasileiros na derrota da Copa do Mundo de 1986. Neste sentido, apontamos para a possibilidade de se observar a construção e o processo de envelhecimento de maneira singular: velhice que se inicia aos 30 anos. No caso analisado, o envelhecimento está associado à categoria “Barreira dos 30 anos”, que apesar de ser fluida e constantemente negociada por meio dos discursos dos atores envolvidos, ainda assim é entendida como uma categoria de acusação que imputa um estigma ao atleta mais velho. Nas narrativas e discussões, da imprensa esportiva, analisadas através dos jornais Folha de São Paulo e Estado de Minas e das revistas Placar e Veja entre janeiro de 1985 e agosto de 1986 o envelhecimento é representado de maneiras plurais em três momentos contíguos: aproximadamente um ano antes da Copa, nos jogos preparatórios para as eliminatórias e nos jogos das eliminatórias, durante a Copa, nos treinamentos e nos jogos e depois, na eleição de possíveis culpados pela derrota. Nesses três momentos são construídas representações que ora associam o processo de envelhecimento com a decadência física, a lentidão, o cansaço, o fracasso e ora o associam à experiência, à sabedoria e à astúcia.

Palavras-chave: envelhecimento, desempenho esportiva, representação, discursos.

Abstract: The aim of this paper is to discuss the representation of the process of aging and old age in the professional sport's field. To do so we chose to explore the discourse produced by the media to evaluate the performances of the Brazilian players in the 1986's World Cup defeat. Therefore we point out a particular way of observing, constructing and presenting the process of aging: a

¹ Professor de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E atua como pesquisador dos Grupos de pesquisa Sociedade e Cultura Contemporâneas (UNIFAL-MG) e Gênero e Violência (UNIMONTES). Email: leonardoturchi@gmail.com

one that begins at the age of thirty years old. In this particular case that we are addressing, the process of aging is attached to the category “barrier of the thirty years” which is a category of accusation and a stigma, despite of its fluidity and the need of constant negotiation by the actor’s discourses when he is labeled veteran. In the narratives and debates of the sport’s media, analyzed on the Estado de Minas and Folha de São Paulo Journals and on the Placar and Veja magazines through out January 1985 to august 1986, old age is represented in plural ways through three contiguous moments: one year after the World Cup – in the qualifying and preparatory games – during e after the World Cup – when the accusations lay on the losers. In those moments old age is depicted in one hand as physical decline, decadence, slowness and failure and in other hand is associated with experience, wisdom, wit, self-control. These ambiguous representations turn out to be connected with the player’s performances and the final results of the matches.

Keywords: aging process, sports performance, representation, discourses

Resumen: Este artículo tiene como propuesta discutir las representaciones de envejecimiento en los deportes de alto rendimiento a través de los discursos construidos por los medios de comunicación para evaluar el desempeño de los jugadores brasileños en la derrota del Mundial de fútbol de 1986. En este sentido, apuntamos para la posibilidad de observarse la construcción y el proceso de envejecimiento de manera singular: vejez que se empieza a los 30 años. En el caso analizado, el envejecimiento está asociado a la categoría “Barrera de los 30 años”, que a pesar de ser fluida y constantemente negociada por medio de los discursos de los actores involucrados, todavía así es entendida como una categoría de acusación que imputa en estigma al atleta más viejo. En las narrativas y discusiones, de la prensa deportiva, analizadas a través de los periódicos Hoja de São Paulo y Estado de Minas y de las revistas Placar y Veja entre enero de 1985 y agosto de 1986 el envejecimiento es representado de maneras plurales en tres momentos contiguos: aproximadamente un año antes del Mundial de fútbol, en los juegos preparatorios para las eliminatorias y en los juegos de las eliminatorias, durante el Mundial de Fútbol, en los entrenamientos y en los juegos y después, en la elección de posibles culpados por la derrocha. En esos tres momentos son construidas representaciones que ora asocian el proceso de envejecimiento con la decadencia física, la lentitud, el cansancio, el fracaso y ora lo asocian a la experiencia, la sabiduría y a la astucia.

Palabras-clave: envejecimiento, desempeño deportivo, representación, discursos.

Introdução

Em dezembro de 1980 uma curiosa matéria na revista Placar anunciava: “Estes vovôs já foram craques”. A barba branca, os cabelos ralos, as fartas rugas pelo rosto, a barriga saliente e o ar de cansado indicavam que aqueles dois senhores retratados estavam velhos. Velhos aos 50 anos, vi-

vendo das glórias do passado, bem-sucedidos na vida esportiva trinta anos depois de terem conquistado o tetra na Copa da Espanha.

Um olhar mais minucioso sobre as fotos estampadas na revista revelava o engodo: aqueles não eram uma dupla de vovôs qualquer e, sim, Zico e Sócrates, os jogadores brasileiros mais proeminentes do final da década de 1970 e início da de 1980, então com 27 e 29 anos respectivamente. Verificava-se pela narrativa que ambos decidiram parar no auge de suas carreiras. Foram sábios para investir os rendimentos provenientes do esporte em outras atividades. São senhores respeitados na comunidade e supriram a ausência da fama pela intimidade com a família. A decadência físico-mental, a dependência financeira e afetiva está ausente dos discursos, assim como a solidão, a saudade da juventude e de um tempo de glórias. A imagem do envelhecimento associada a perdas e a negatividade, bastante corrente, como nos faz crer Debert (2004) até a década de 1970, nesse momento é ressignificada. Como explica esta autora, se no primeiro momento a velhice era tratada como ausência, decadência física e dependência, ou seja, a socialização era baseada em imagens negativas, era necessário que o estado criasse mecanismos para proteger essa idade (como a universalização da aposentadoria); agora se percebe uma reprivatização da velhice. A reprivatização da velhice coloca nas mãos dos indivíduos a responsabilidade para o bem envelhecer. Nesse processo a imagem e o discurso da velhice se modificam; em outras palavras, acontece uma revisão dos estereótipos. A alta expectativa de vida coloca o projeto de que a idade avançada é o momento ideal para buscar o prazer e a satisfação pessoal. É o momento de retomar os planos esquecidos e de alcançar novas conquistas, agora com maior experiência e mais saber.

O exercício de futurologia proposto pela revista apontava para a imagem do envelhecimento como um processo positivo. Processo que embaralha os significados de ciclo de vida, reconstruindo socialmente a imagem de envelhecimento como evidenciam Featherstone e Hepworth. Na perspectiva destes autores:

The public stereotype of middle age as a kind of “mature” interlude with relatively unambiguous physical and psychological boundaries between young adulthood and declining old age has been replaced by an ideal of active, prolonged mid-life which has more in common with youth than age (FEATHERSTONE; HEPWORTH, 2001, p.383).

Um aspecto explorado na reportagem chama a atenção ao apontar para a decisão de encerrar a carreira no momento certo. Qual seria esse momento? Zico e Sócrates souberam quando parar, pois decidiram parar no auge. Não foram obrigados pelas deficiências físicas ou técnicas a deixarem o futebol. Não foram desprestigiados pelos jogadores mais jovens e nem

esperaram pelos gritos dos torcedores para reconhecer a decadência. Decidiram não envelhecer no esporte.

Nem sempre a realidade reflete a ficção. Seis anos adiante, após perderem a Copa da Espanha e do México, Zico e Sócrates, juntamente com Júnior, Falcão, Cerezo, Oscar e Edinho, haviam passado a “barreira” dos trinta anos. Nenhum deles parou no auge como previa a revista *Placar*. Todos eles foram identificados pela imprensa esportiva como “veteranos de 1982”, “as raposas de Telê”, “estrelas fracassadas”, “geração de derrotados”. Pode-se especular se a maioria destes epítetos não teria sido cunhada pela frustração advinda de expectativas criadas e não realizadas em relação ao desempenho dos jogadores. Como as lembranças da primeira campanha brasileira no México em 1970 foram resgatadas à exaustão pela imprensa esportiva, criaram-se expectativas de uma participação, no mínimo, semelhante. No entanto, a campanha foi irregular e culminou com a derrota para a equipe da França – a primeira de uma série, em Copas do Mundo –, com pênaltis perdidos por alguns dos veteranos.

Este artigo propõe a reflexão sobre a representação do envelhecimento nos esportes de alto rendimento por meio dos discursos construídos pelos meios de comunicação para avaliar o desempenho dos jogadores brasileiros na derrota e eliminação da Copa do Mundo de 1986.² Neste sentido, aponta para a possibilidade de se observar a construção e o processo de envelhecimento em outra perspectiva: velhice que se inicia aos 30 anos, colocando problemas ao se pensar a prática de alto rendimento, a aposentadoria e a reconversão. Além disso, no caso analisado, o envelhecimento está associado à categoria “Barreira dos 30 anos”, que apesar de ser fluida e, talvez por este motivo, constantemente negociada por meio dos discursos dos atores envolvidos, ainda assim é uma categoria de acusação que imputa um estigma ao atleta mais velho.³

No decorrer das análises se verificou que as narrativas e discussões da imprensa em torno do desempenho do atleta com mais de 30 anos são encadeadas em três momentos contíguos: aproximadamente um ano antes da Copa, nos jogos preparatórios para as eliminatórias e nos jogos das eliminatórias, durante a Copa, nos treinamentos e nos jogos e depois, na eleição de possíveis culpados pela derrota. Nesses três momentos são construídas representações que ora associam o processo de envelhecimento com a decadência física, a lentidão, o cansaço, o fracasso e ora o associam à experiência, à sabedoria e à astúcia.

² Foram consultadas as matérias dos jornais *Estado de Minas* e *Folha de São Paulo* e das revistas *Placar* e *Veja* entre janeiro de 1985 e agosto de 1986.

³ Gilberto Velho (2004) trabalha com a idéia de sistema de acusações como estratégias “mais ou menos conscientes de manipular o poder e organizar emoções, delimitando fronteiras”. Neste sentido a categoria de acusação - “velhice”, pode ser pensada como um estigma que pesaria sobre o indivíduo acusado e delimitaria sua esfera de ação; o excluído e segregando.

Envelhecimentos e Discursos

Simone de Beauvoir (1990) é uma autora referência nos estudos sobre envelhecimento. Apesar de muito pessimista quanto ao processo de envelhecimento, formula questões muito pertinentes, sobretudo quando se propõe discutir esse processo a partir das experiências e vivências múltiplas. A autora sugere que é impossível encerrar a experiência da velhice em uma categoria ou conceito, pois “a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas” (BEAUVOIR, 1990, p. 345). Essa impossibilidade de conceituar a experiência do envelhecer se dá porque esta se apresenta na sua multiplicidade. O pioneirismo de Beauvoir é marcado pela compreensão da heterogeneidade da experiência da velhice – algo que será recorrente nos discursos que se referem ao processo de envelhecimento. Em grande parte da literatura que aborda o tema da velhice, a constatação é de que as experiências do envelhecimento são plurais e é preciso se deparar com a diversidade para entender o processo de tornar-se velho/a.

Utilizando-se do binômio homogeneidade/ heterogeneidade, Guita Grin Debert (2003) evidencia a importância de se compreender os modos como cada sociedade e cultura organiza e classifica seus grupos etários e concebe o processo de envelhecimento. Como afirma essa autora, a velhice não é uma categoria natural. A velhice é uma categoria socialmente construída. Essa constatação implica uma oposição entre um fato natural e universal e um fato social e histórico. Assim, percebe-se que há várias maneiras de se conceber e viver o processo de envelhecimento. Em cada sociedade, cultura e tempo histórico específico o envelhecimento é tratado de uma forma diversa. Para Debert, apesar de todas as culturas apresentarem uma grade de idade, a forma como isso é concebido depende de cada contexto cultural. Assim, o que seria próprio da pesquisa antropológica sobre categorias de idade é justamente demonstrar como um processo biológico é elaborado simbolicamente, delimitando fronteiras, ritos de passagem e discursos hierarquizantes.

Creio que em relação à esfera esportiva, mais especificamente no futebol, é relevante afirmar que a grade etária é particular. Assim, indivíduos de 30 a 36 anos, que em outros campos estariam no início de processo de ascensão profissional, na esfera esportiva são considerados veteranos em processo de decadência e declínio. Como indica Damo (2007), o processo de formação do futebolista é marcado por ciclos de tempo relativamente curtos. Os jogadores que dentro do funil – imagem que o autor utiliza para reforçar o dispositivo de seleção e indicar a competitividade e dificuldade de ascender profissionalmente no campo esportivo – atingem o ciclo de atuação o fazem a partir dos 17 anos. Restam, assim, aproximadamente 18 anos para se chegar ao ciclo de reconversão e aposentadoria. Portanto, com raras

exceções, particularmente os goleiros, que não necessitam movimentar-se por toda a extensão do campo de futebol, os atletas se retiram da profissão entre os 33 e 36 anos. Assim, como veremos por meio das narrativas da imprensa esportiva, os “velhinhos” perdem prestígio e são questionados sobre sua capacidade física e técnica a partir dos 30 anos.

Na perspectiva de Guedes (1998), compreender os discursos da imprensa esportiva é importante na medida em que seus agentes produzem e reproduzem a realidade do campo, legitimam discursos, propõem debates, incluem ou excluem, elegem os temas relevantes. Nunca é demais reforçar que, como indica Bourdieu (2008), campos são espaços institucionalizados e estruturados em torno de lutas pelo monopólio legítimo de capitais concretos e simbólicos. Portanto são lugares onde se luta pelo poder de dotar a realidade de um sentido. Assim, quem possui o capital específico para proferir discursos se posiciona de maneira hierarquicamente privilegiada dentro do campo e, em consequência, pode manipular a seu bel prazer o que é dito e o que não é dito.

Como evidencia Foucault (2006), os discursos apresentam formas múltiplas e divergentes. Como um pêndulo em cada momento, em cada conjuntura, o discurso pode ser alterado para se ajustar à realidade, aos fatos concretos, aos acontecimentos. Nota-se que os discursos proferidos em relação às práticas corporais associadas ao envelhecimento são nebulosos. Jogadores, torcedores e imprensa não constroem a mesma percepção sobre o envelhecimento e a corporeidade. Assim, os atores acusados de envelhecimento pela imprensa não se reconhecem como velhos. Mesmo que exista esta cacofonia discursiva, que pode ser negociada mediante o desenvolvimento dos acontecimentos, creio que no caso da Copa do México coube à imprensa legitimar as representações do envelhecimento em associação ao desempenho esportivo.

Elogios e Acusações: Narrativas de envelhecimento

Zico e Sócrates, entrevistados pela revista Placar em 27 de janeiro de 1986, avisavam, já na capa da edição: “Vamos provar que a barreira da idade é besteira”. Essa matéria fechava um ciclo de reportagens sobre envelhecimento, que tiveram início em 1985 e colocavam dúvidas sobre a participação das “estrelas de 1982” na Copa seguinte.

Após a Copa de 1982, os principais jogadores da seleção brasileira foram vendidos para clubes italianos, algo até então pouco comum. As transferências de jogadores sempre existiram, mas é a partir desse momento que elas se multiplicam. Em paralelo à transferência desses jogadores apelidados pela imprensa de “italianos”, viveu-se entre 1983 e 1985 um período marcado pela renovação dos candidatos a ocuparem uma vaga na seleção

brasileira. O técnico Evaristo de Macedo, substituto de Telê Santana após a tragédia do Sarriá, privilegiou jogadores novos e que atuavam em equipes brasileiras em detrimento daqueles que estavam na Itália.⁴

Uma semana antes do início das eliminatórias, após uma série de resultados inconsistentes e sem uma equipe definida – cobrança incessante da imprensa esportiva, Evaristo de Macedo perde o emprego e dá lugar a Telê Santana. Este privilegia os “veteranos de 1982”, nas eliminatórias, e o Brasil classifica-se para o Mundial.

Nas partidas contra Bolívia e Paraguai os veteranos são apresentados pela imprensa como decisivos, pois que brilharam. A revista Placar, reforçando a ideia de sucesso nas partidas, escreveu as matérias: “A maturidade das raposas de Telê” e “Idade não é documento: a hora das raposas”. As reportagens apontam para o fato de que sete dos jogadores que atuaram nas eliminatórias teriam mais de 30 em 1986. A narrativa destaca que é a média de idade mais alta de uma seleção brasileira desde a Copa de 1962. A associação é imediata: em 1962 fomos campeões com jogadores veteranos, portanto a experiência é um fator positivo que não deve ser desconsiderado. A maturidade revela a generosidade e a prudência das “estrelas veteranas”, que possuem a serenidade de trabalhar a favor do grupo. A condição de reserva não os incomoda, pois sabem do próprio valor, não precisam de afirmações individuais. O que inicialmente pareceria um problema se revela uma virtude.

Marcelo Rezende informava aos leitores da revista:

Na véspera do jogo contra o Brasil em Assunção o jovem ponta-esquerda Mendonza deixava cair um sorriso de ironia pelo canto da boca. “Já ganhamos”, ele repetia. “o meio-campo do Brasil junto tem 90 anos, não vão nem pegar na bola”. Depois da partida, um perplexo Mendonza acabava de aprender a dar mais valor à experiência. Do alto das chuteiras de Cerezo, Zico e Sócrates, para contar direito, 93 anos contemplavam todo o gramado e centralizavam os planos de ataque e defesa que fizeram o Paraguai perder mais uma guerra. (REZENDE. Placar, nº 788, São Paulo, 28 de junho de 1985, p.38)

Este trecho reforça a associação entre envelhecimento e experiência na vitória. Quando o desempenho é adequado ao que se espera do atleta brasileiro vitorioso, a experiência é apresentada como uma ideia-valor. O

⁴ Tragédia do Sarriá foi o epíteto criado pela mídia para se referir à derrota brasileira na Copa da Espanha em 1982. Naquele Mundial, sob o comando do técnico Telê Santana, a seleção foi elogiada por ter resgatado a maneira brasileira de jogar o esporte: “futebol-arte”. No entanto, após várias vitórias convincentes, a Seleção foi derrotada pela Itália por três a dois em um jogo emocionante. Essa derrota é lembrada constantemente pela imprensa esportiva como uma injustiça divina. Em certo sentido, por mais paradoxal que possa parecer, esse evento é mais valorizado do que alguns campeonatos conquistados pela equipe brasileira.

discurso reclama o respeito àqueles que possuem a sabedoria, malícia e a astúcia para encontrar soluções aos problemas colocados.⁵ A juventude pode até possuir o ímpeto, mas o “veterano-raposa” possui a capacidade, devido à experiência e vivências diversas tem o capital necessário para controlar ou mesmo disciplinar aquele ímpeto para atingir o objetivo maior.

O autocontrole e a autodisciplina são temas abordados nessa mesma revista para tentar responder se “a idade desta seleção é perigosa?” Um então professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) é chamado para refletir, dotando o discurso da revista de legitimidade científica, sobre o envelhecimento no futebol. Na percepção do professor Clodoaldo Paulo de Mesquita, a idade seria apenas um dos fatores que afetariam o rendimento do atleta. Segundo o ocupante da cadeira de Estudos de Futebol da USP, outros fatores deveriam ser considerados para realizar uma avaliação holística e individual – “cada caso é um caso” – do atleta. Entre esses fatores, a formação do atleta, a desnutrição, a quantidade de partidas e o ritmo de treinos são apontados como agentes provocadores do desgaste no ciclo de vida profissional do jogador.

Mas não haveria maiores perigos com a idade avançada da seleção. Ao contrário, a ênfase do discurso recaiu sobre a bagagem psicológica (maior autocontrole), sobre a técnica apurada (maior disciplina) e a experiência (“correr curto”). Tais características são exploradas como aspectos positivos do envelhecimento pelas matérias nesse momento.

As narrativas tomam outra dimensão quando quatro meses depois, em meados de outubro, todos os “veteranos de 82” estavam machucados. Falcão, Sócrates e Zico estavam com problemas físicos e lesões graves. Nesse contexto a revista Placar propunha um debate, que envolvia a opinião de diversos treinadores brasileiros, sobre a possibilidade de esses jogadores não participarem da Copa. A ausência dos veteranos seria sentida ou seria melhor privilegiar os mais jovens? Os discursos eram de reticência quanto à qualidade dos “velhinhos”. Como a Copa seria disputada no México, o problema da altitude assustava e colocava dúvidas sobre as condições físicas dos mais velhos.

O corpo, por meio de debates a cerca do condicionamento físico, entrava em cena. As capacidades e deficiências corporais associadas ao aumento da idade cronológica ganhavam destaque nas narrativas dos periódicos. O preparo físico, a lentidão, o cansaço são temas de debates que adentram a preparação para a Copa.

Luis Fernando Veríssimo, ao ser entrevistado por Divino Fonseca, revela sua percepção sobre os jogadores com mais de 30 da seleção brasileira. O tom da entrevista é sarcástico:

⁵ Será que podemos pensar que seja esta a alusão às raposas? Nas fábulas de Esopo esse animal é representado pelas características da malícia, astúcia e sabedoria; aqui residiria uma pista para entender o significado de ser “uma raposa em campo”?

Em tese não há problema com a altitude que uma boa preparação não resolve, independente da idade. O diabo é que nossos mais ilustres com-mais-de-30, Sócrates, Zico e Falcão, não parecem estar se dando bem nem ao nível do mar. A última imagem que guardo de Zico é daquele Fla-Flu em que ele parecia um velho pistoleiro cercado de jovens desafiantes, tentando decidir se valia a pena sacar ou se a morte não seria menos trabalhosa. Sócrates, independente da lesão, também me dá a idéia de alguém enfadado com o futebol e com a vida. Falcão não sei. Parece ainda que não voltou da Itália. O problema, portanto, não é a altitude. O problema é que nossos velhos parecem estar envelhecendo mal. (FONSECA. Placar, nº 805, São Paulo, 25 de outubro de 1985, p. 35)

Envelhecer, nesse caso, poderia ser pensado como uma condição parcialmente identificável e totalmente indesejável. Como esclarece Beauvoir, a imagem que construímos do próprio self é a-etária, portanto é preciso ter razões concretas para se interrogar sobre a própria idade e para se perceber o processo de envelhecimento. São sempre os outros que nos classificam como velhos. A velhice se apresenta como uma identidade exterior ao próprio indivíduo. “É preciso ter consciência da própria idade para decifrá-la no corpo” (BEAUVOIR, 1990, p.349). Ou como aponta Turner quando evidencia que o “self envelhecido” só faz sentido se coletivamente percebido através da consciência do envelhecimento da própria geração: “We measure our personal aging, not simply by reference to the recorded transformation of our own image, but collectively by reference to our peers and our generation” (TURNER, 1995, p. 252).

Elias (2001) também assinala a dificuldade dos jovens de entender a experiência da velhice. A experiência da velhice é algo imponderável/im-pensável por aqueles que não são velhos. Poderíamos complementar que ela também é imponderável naqueles que, sendo jovens, em determinados campos profissionais são considerados velhos.

Será que, nesse contexto, envelhecer mal estaria ligado à incapacidade de percepção das mudanças do próprio corpo? Como fazem crer os autores acima, sendo a velhice um fato indesejável seria preferível a identificação a um jovem doente do que a um velho. Mas a doença nem sempre é dissociada do processo de envelhecimento. E, no caso do futebol, a doença está ligada a complicações físicas, lesões e fraturas. E à reincidência das mesmas lesões, complicações físicas e fraturas.

Sócrates e Zico se defendiam das acusações de falta de preparo físico e de envelhecimento, após um período de inatividade devido às lesões, utilizando os mesmos argumentos do discurso científico, que identificavam a carga de treinos e periodicidade dos jogos como fatores importantes para medir o desempenho esportivo.

Sócrates ponderava:

Primeiro diziam que eu não treinava. Depois que não tenho preparo físico. Sempre estão achando alguma coisa. Já dizem até que estou velho [...] concordo plenamente com Zico e acho estupidez que é essa barreira dos 30 [...] De tanto jogar três partidas por semana, o jogador brasileiro atinge os 30 anos já saturado física e mentalmente. (CARVALHO. Placar, nº 818, São Paulo, 27 janeiro de 1986. p. 26)

Zico se desesperava: “Muitas pessoas me chamavam de Bichado, havia encrenca. Velho, eu era tratado como velho.⁶ Tinha dias que eu não dormia” (REZENDE. Placar, nº 822, São Paulo, 24 de fevereiro de 1986, p.18). Mas sua atuação convincente contra o Fluminense, “digno de um jovem em início de carreira”, assim como as atuações de Sócrates no mesmo jogo e de Falcão pelo São Paulo contra o mesmo Fluminense esfriam os debates sobre a condição física e a capacidade destes jogadores. Pode-se entender a mudança do discurso nesse momento a partir do que Hearn observa quando se detém sobre as imagens da mídia que enfocam os significados de masculinidade, ciclo de vida e obtenção de poder:

Older age may signify power not just through the historical carry over of generational and patriarchal power, but through mental labour-power and the accumulation of resources. “Middle age” may signify power for men through formal, organizational statuses as well as through physical labour-power and indeed patriarchal power. Youth may signify power for men through physical strength, body shape, cultural image and sexual virility. Thus men’s power can be understood in a number of “aged” ways. This may help to explain why age has such a contradictory significance for men. It may imply power at a common-sense, even emotional, level, even though this is only part of the picture. The important issue is that age is constructed as a maker of power, or as a reference point of power, even when power is lacking. (HEARN, 1995, p.102)

Portanto, segundo esse autor, diferentes ciclos de vida podem indicar prestígio e poder em diferentes momentos. Mas é importante ressaltar, e Hearn o faz, que homens mais velhos, quando bem-sucedidos, são percebidos e retratados pela mídia como pessoas com espírito jovem, empreendedoras, ou a-etárias. O homem de sucesso não é percebido a partir de sua idade e, sim, pelas suas conquistas.

⁶ É tentador perceber que a categoria “bichado” pode ser interpretada de várias formas. Uma se refere ao corpo, às lesões sofridas e à incapacidade de praticar o jogo com qualidade. Mas “bichado” pode ser pensando também por meio do binômio natureza/cultura. Pode indicar a desumanização do jogador fazendo dele um animal, portanto retirando-o do locus da cultura e colocando-o no locus inferior da natureza. Outra leitura possível é a associação da categoria com a homossexualidade e a virilidade. O “bichado”, na relação entre gêneros, se associa à bicha, que é uma categoria, como faz crer Fry (1982), que remete à passividade na estrutura de entendimento da identidade sexual no Brasil.

A revista *Veja*, nas edições de 28 de março e de 14 de maio de 1986, continha matérias semelhantes em relação à seleção brasileira. “Decolagem Incerta” e “Canarinho Desastrado” descreviam as dificuldades da comissão técnica brasileira para decidir os 22 convocados para a Copa. As críticas construídas pelo semanário residiam na insistência do técnico em manter os jogadores veteranos na lista final. Segundo o relato de *Veja*, Falcão e Sócrates se apresentaram “em lamentável forma física”, Cerezo e Dirceu seriam cortados por conta de lesões e Zico era dúvida tanto física quanto em eficiência.

As incertezas quanto à manutenção dos veteranos como titulares permaneceram até o último coletivo antes da estreia na Copa. O jornal *Folha de São Paulo*, por meio de seus repórteres enviados ao México, Carlos Brickmann e Ricardo Kotscho, assinalava a lentidão do time titular quando recheado de veteranos. O arrazoado era direcionado à velocidade necessária para se praticar o futebol moderno. A eficiência estaria na velocidade. Essa era a característica dos jovens que estavam de coletes azuis – os reservas. Segundo os relatos, algo estava errado e deveria ser denunciado e transformado antes que o desastre acontecesse.

Nesse momento os apontamentos contra os veteranos e a favor dos jovens se fazem nessa oposição entre lentidão/velocidade, deficiência/eficiência.

Parecia jogo de juvenis contra veteranos: enquanto os titulares insistiam na lenta e inútil troca de passes pelo meio, com dois ou três toques os reservas chegavam rapidamente e com perigo no gol de Carlos [...] Telê cansou de pedir mais rapidez na saída da defesa para o ataque, mas não tinha jeito: com três sobreviventes da campanha de 82 no meio de campo – Falcão, Sócrates e Júnior – os titulares jogavam a vinte por hora e sofriam contra-ataques a oitenta”. (KOTSCHO; BRICKMANN. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de junho de 1986, *Caderno de Esportes*, p.27)

A ênfase na diferença de desempenho ganhou diversos outros comentários: “Falcão joga em ritmo de valsa numa Copa que está sendo disputada em ritmo de rock pauleira”. Júnior “joga em todas as posições e não rende em nenhuma”. O discurso direcionado à lentidão, embasado pelo futebol pouco eficiente nos dois primeiros jogos da competição – uma a zero contra a Espanha, um a zero contra a Argélia –, motivou a crítica do dirigente máximo da FIFA, João Havelange, que alfinetou: “[...] a seleção brasileira para melhorar seu futebol precisa lançar em campo jogadores jovens e afastar os veteranos imediatamente” (GOMES; GONTIJO; VIANA. *Estado de Minas*, nº 16767, Belo Horizonte, 8 de junho de 1986).

Outras narrativas ganharam contorno com atuações mais convincentes, e as críticas arrefeceram. Zico, com problemas físicos foi a opção para o final do terceiro jogo – “a arma secreta”. Só a presença dele em campo causa furor na torcida e nos jornalistas. Após a vitória de três a zero sobre a

Irlanda, os relatos são favoráveis: “Zico trouxe a magia de volta”. Mas em certa medida as dúvidas ainda persistem. A magia voltou em consequência da habilidade de Zico ou fatores externos contribuíram para melhorar os desempenhos? Fica-se sabendo que a baixa temperatura no dia do jogo permitiu que Sócrates e Júnior corressem mais, marcassem mais e errassem menos passes. O discurso continuou elogioso na vitória de quatro a zero sobre a Polônia. A maturidade e o brilho dos jogadores eram ressaltados.

Mesmo com a situação favorável, Falcão se ressentia com a reserva e era descrito como “um atento observador”, nas páginas de Placar, para explicar a situação inusitada. A condição de reserva é diretamente associada a sua faixa etária: “[...] um jogador no Brasil, passa por problemas muito grandes depois que ultrapassa a barreira dos 30 anos. É considerado velho e tem que provar, a cada jogo, a cada treino, que não é” (FONSECA. Placar, São Paulo, nº 839, 23 de junho de 1986, p.12).

As narrativas estavam prestes a sofrer outro revés com a eliminação brasileira da Copa. A partida que eliminou o Brasil foi considerada a melhor, até aquele momento, daquele Mundial pela imprensa brasileira. Uma partida emocionante, marcada por inúmeras possibilidades. No primeiro tempo o Brasil marcou um gol, perdeu outros dois. A seleção francesa, comandada por Platini, empatou no final da primeira etapa. No segundo tempo o jogo foi modificado pelo pênalti desperdiçado por Zico minutos depois de ter entrado em campo e realizado o lançamento, para Branco, que originou a penalidade. Na prorrogação, o domínio brasileiro foi total, rendendo uma bola na trave francesa e um gol perdido por Sócrates na pequena área. A partida foi decidida na disputa de pênaltis. Sócrates e Júlio César perderam os pênaltis que lhes cabiam converter, e Platini também perdeu a sua chance de ampliar para a França: no final quatro a três para a França e o Brasil foi eliminado.

Com o resultado negativo e a eliminação da competição, outros discursos são colocados em jogo. A busca de culpados pela derrota, as acusações sobre os veteranos e a necessidade de renovação entram em pauta novamente.

Zico foi culpado por perder o pênalti decisivo que classificaria, ainda no tempo normal, o Brasil para as semifinais. Sócrates foi culpado pela falta de preparo físico; o gol perdido na prorrogação e o pênalti na disputa decisiva eram reflexos disso, acusava a imprensa. Júnior e Edinho foram culpados pela falta de inspiração e insegurança durante todo o mundial – não renderam como esperado. O técnico Telê Santana desabafou ao repórter Marcelo Rezende: “apostei nos veteranos de 1982 com convicção: o que fazer?” (REZENDE. Placar, nº840, São Paulo, 30 de junho de 1986, p. 27).

O mesmo Marcelo Rezende, uma semana depois, ponderava “quem perdeu, quem ganhou” com a derrota na Copa e chegava à conclusão que

a geração dos 30 anos foi a que perdeu. Perdeu a chance de entrar para a história e agora “seriam estigmatizados como uma geração de perdedores”. O jornal Estado de Minas, no dia seguinte à derrota, fazia duras críticas ao desempenho dos veteranos, por meio de seus enviados Daniel Gomes, Jorge Gontijo e Arnaldo Viana. Em “Adeus, agora só em 90”, matéria da edição de 22 de junho de 1986, as acusações recaíam sobre os “italianos”, que estavam velhos e, por isso, eram limitados. Além disso, eram derrotados convictos, pois nunca haviam conquistado nada de importante com a seleção e ainda assim se acreditavam eleitos e intocáveis, não aceitando a condição que a idade lhes determinava: a reserva. O técnico era criticado por tê-los convocado por puro sentimentalismo, por obsessão da derrota anterior e por interesses escusos – contratos comerciais.

A narrativa colocava o “dedo na ferida”:

Um dos grandes interesses que gravitam em torno da seleção, eliminada ontem, no México, gira em torno do episódio envolvendo certas “derrotadas estrelas”, que usaram e abusaram do direito de se considerar peças indispensáveis à seleção. Eles mesmos impunham tais condições. E os nomes são facilmente declináveis, sem nenhum segredo para o torcedor, que vibrou e acreditou nesta Copa nos velhos jogadores, que nunca conquistaram nada para o futebol brasileiro [...] O técnico vivia a obsessão do Mundial de 82, acreditando que no México, poderia repetir a fórmula já ultrapassada e a mesma e envelhecida equipe. (GOMES; GONTIJO; VIANA. Estado de Minas, nº 16779, Belo Horizonte, domingo 22 de junho de 1986)

Os discursos emitidos pelos periódicos procuraram entender os motivos da derrota. O acaso e o azar foram abordados como uma justificativa plausível para explicar a derrota, pois Zico nunca havia perdido mais de dois pênaltis em toda a sua carreira. A disputa de pênaltis foi “demonizada” como uma forma injusta de se decidirem as vagas. O grande clamor por renovação era uma constante na pauta dos periódicos. O discurso consensual entre imprensa, dirigentes e torcedores parecia colocar a culpa pela derrota nos jogadores com mais de 30 anos e ordenava a substituição da velha geração por novos talentos. O discurso da juventude como a solução dos problemas do futebol praticado no Brasil voltava a fazer parte da pauta de discussões.

Conclusão

Enfim, este artigo propôs entender os processos de envelhecimento por meio da abordagem de uma série de discursos construídos pela mídia relativos ao desempenho esportivo de alto rendimento. Verificou-se que os discursos midiáticos sobre esses temas englobaram os períodos pré-Copa, durante o Mundial e pós-Copa. Discursos que foram cíclicos. Ambíguos.

Contraditórios. Plurais. Sabe-se que os periódicos consultados possuem linhas e políticas editoriais distintas. Dois deles possuem um viés mais conservador e ortodoxo na análise da notícia enquanto os outros dois possuem um viés mais progressivo e heterodoxo.

Portanto, as opiniões e matérias produzidas pelos meios de comunicação não são marcados pela neutralidade. Não somente existe uma disputa por poder no campo do jornalismo (esportivo) pela legitimação da verdadeira narrativa, mas também pela construção da realidade que leva em consideração a posição dos agentes produtores da notícia e suas relações dentro do campo em questão, suas visões de mundo, a política editorial e a ideologia de determinada publicação, a localização geográfica do periódico e sua importância e credibilidade em relação a outros, a opinião pública – o público a que se dirigem as informações; que podem se constituir de torcedores aficionados ou não, atletas, dirigentes, fisioterapeutas, médicos do campo esportivo e os próprios profissionais dos meios de comunicação. No meu entendimento, a ambigüidade, pluralidade e discrepância dos discursos residem nesta rede de relações que produzem narrativas que se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Sem esquecer que, por ser um jogo, no futebol o acaso (a sorte, o azar) desempenha papel importante para que as opiniões se transformem radicalmente em uma mesma partida ou de um dia para o outro.

Pois bem, no primeiro ciclo, os discursos de renovação eram enunciados com mais veemência. A seleção deveria ser representada pelos jogadores jovens que atuavam em equipes brasileiras. Aqui, a equação parece se desenvolver da seguinte maneira: jogar no Brasil é associado ao jogar à brasileira, tradição mantida pelos jovens, em contraposição ao jogar à europeia, associado à geração de veteranos de 1982, que se transferiu para jogar na Itália. Neste momento é erigida uma barreira que exclui os atletas com trinta anos ou mais.

Na iminência da não classificação, a volta dos jogadores “italianos” com mais de trinta foi representada como solução. Os discursos associavam a experiência, traduzida no autocontrole emocional, maturidade, generosidade e demais características como ideias-valores positivas que deveriam ser observadas. Com a classificação assegurada, dúvidas quanto à possibilidade de os veteranos atuarem em condições ótimas foram colocadas. Aqui a barreira é “flexibilizada”, mas logo adquire sua rigidez motivada pelas desconanças da idade avançada.

Durante o Mundial, as críticas recaíam sobre a relação entre lentidão e velocidade, ineficiência e eficiência, sendo o primeiro o termo da relação sempre imputado de maneira acusatória aos veteranos. O envelhecimento da equipe foi relacionado ao desempenho negativo em campo, não combinava com a representação de uma equipe vencedora, e as transformações eram exigidas. Era preciso que os jovens fossem titulares. Em seguida, devido a

algumas atuações convincentes, os veteranos foram elogiados como portadores da “magia” de se jogar futebol à brasileira. Com a derrota consumada, o ciclo tem o seu desfecho: os veteranos são representados como decadentes, derrotados, perdedores convictos. O clamor é novamente por renovação, pela juventude. A “Barreira dos 30 anos” se justifica na derrota.

Referências

Fontes

A VEZ DO TUDO OU NADA. **Revista Veja**, São Paulo, 18 de junho de 1986.

CANARINHO DESASTRADO. **Revista Veja**, São Paulo, 14 de maio de 1986.

CARVALHO, Milton. **Estes vovôs já forma craques**. Placar, nº 555, São Paulo, 26 de dezembro de 1980. Capa.

CARVALHO, Milton. **Um acerto de contas**. Placar, nº 818, São Paulo, 27 janeiro de 1986.

DECOLAGEM INCERTA. **Revista Veja**, São Paulo, 28 de março de 1986.

FALCÃO, ZICO E SOCRATES: e a Copa sem eles? Placar, nº 805, São Paulo, 25 de outubro de 1985, p.12-15.

FONSECA, Divino. **Delfim Netto para técnico da seleção**. Placar, nº 805, São Paulo, 25 de outubro de 1985.

FONSECA, Divino. **Um atento observador**. Placar, São Paulo, nº 839, 23 de junho de 1986.

GOMES, Daniel; GONTIJO, Jorge; VIANA, Arnaldo. **Havelange critica presença de jogadores veteranos na seleção**. Estado de Minas, nº 16767, Belo Horizonte, 8 de junho de 1986.

GOMES, Daniel; GONTIJO, Jorge; VIANA, Arnaldo. **Adeus, agora só em 90**. Estado de Minas, nº 16779, Belo Horizonte, domingo 22 de junho de 1986.

KFOURI, Juca. **A maturidade das raposas de Telê**. Placar, nº 786, São Paulo, 14 de junho de 1985, p.3.

KFOURI, Juca. **Falcão, Zico e o Doutor**. Placar, nº 822, São Paulo, 24 de fevereiro de 1986, p.23.

KOTSCHO, Ricardo; BRICKMANN, Carlos. **Reservas atuam bem e podem ganhar posições.** Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de junho de 1986, Caderno de Esportes, p.27.

KOTSCHO, Ricardo; BRICKMANN, Carlos. **No 40º coletivo, seleção repete erros do 1º.** Folha de São Paulo, São Paulo, terça 10 de junho de 1986. Caderno de esportes.

KOTSCHO, Ricardo; BRICKMANN, Carlos. **Falcão sente-se traído, mais ainda sonha em ser “rei”.** Folha de São Paulo, São Paulo, terça 10 de junho de 1986. Caderno de esportes.

MESQUITA, Clodoaldo Paulo de. **A idade desta seleção é perigosa?** Placar, nº 788, São Paulo, 28 de junho de 1985, p.41.

PAULO ISIDORO: **os velhos vão pagar.** Estado de Minas, nº 16780, Belo Horizonte, 24 de junho de 1986.

REZENDE, Marcelo. **Idade não é documento:** a hora das raposas. Placar, nº 788, São Paulo, 28 de junho de 1985.

REZENDE, Marcelo. **Os caminhos do tetra.** Placar, nº 822, São Paulo, 24 de fevereiro de 1986.

REZENDE, Marcelo. **As trapaças do destino.** Placar, nº840, São Paulo, 30 de junho de 1986.

UMA NOBRE DESPEDIDA. **Revista Veja,** São Paulo, 25 de junho de 1986.

Bibliografia

BEAUVOUIR, Simone de. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Cuestiones de sociologia.** Madrid: AKAL/ISTMO, 2008.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2007.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e categorias de idade. In: BARROS, Mirian Morais Lins de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 49 – 68.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice:** Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2004.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos**, seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. The mask of aging and the postmorden life course. In: FEATHERSTONE, Mike ; HEPWORTH, Mike ; TURNER, Brian. (org.). **The Body: social process and cultural theory**. Sage: London, 2001. p. 371-389

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FRY, Peter. **Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de Futebol**. Niterói –RJ: EDUFF, 1988.

HEARN, Jeff. Imaging the aging of men. In: FEATHERSTONE, Mike ; WERNICK, Andrew. (org.). **Images of aging: cultural representations o later life**. London: Routledge, 1995. p. 97-118.

TURNER, Brian. Aging and identity: some reflections of the somatization of the self. In: FEATHERSTONE, Mike ; WERNICK, Andrew. (org.). **Images of aging: cultural representations o later life**. London: Routledge, 1995. p. 227 – 244.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Recebido em 27/03/2013, aceito em 05/09/2013